

Amor

Vincent Cheung

Fonte: Extraído e traduzido do livro *The Sermon of the Mount*, de Vincent Cheung, páginas 93-96, por Felipe Sabino de Araújo Neto.

AMOR (Mateus 5:43-47)

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! E se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!”.

O mandamento para amar não é uma idéia revolucionária, visto que esse tem sido o ensino da lei desde o começo, embora ele seja um ensino que muitos distorcem e desobedecem. Jesus veio para reafirmar esse mandamento importantíssimo, e para chamar o seu povo a obedecê-lo verdadeiramente.

Especificamente, Jesus está aludindo à interpretação e aplicação judaica de Levítico 19:18, onde é dito: “Não procurem vingança, nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo”. O versículo de fato se refere a “alguém do seu povo”, mas ele não estabelece o mandamento “odeie seu inimigo”, embora isso possa ter sido, legitimamente ou não, inferido a partir de várias passagens do Antigo Testamento.

No espírito da exegese subversiva dos fariseus e escribas, a questão é descobrir quem é o “próximo”. Isso é feito, certamente, não com a intenção de obedecer completamente o mandamento, mas para restringir sua aplicação.

Numa certa ocasião, “um perito na lei” (Lucas 10:27), que estava preocupado em “justificar-se” (v. 29), testa Jesus com essa pergunta. Jesus responde com o que chamamos hoje de a Parábola do Bom Samaritano, mostrando que o próximo não é somente alguém que está dentro do nosso pequeno e exclusivo grupo, mas o próximo pode ser alguém que nunca encontramos nessa vida e que precisa da nossa assistência e compaixão, incluindo alguém a quem usualmente consideramos nosso inimigo (v. 33). De fato, parece que Jesus reverte a pergunta, e diz em efeito: “Ao invés de focar tanta atenção sobre a definição do seu ‘próximo’, com a intenção perversa de limitar o escopo do seu amor, por quê você *não é um próximo* para alguém que está em necessidade?” (v. 36).

Contra o mau uso prevalente dessa lei, Jesus declara: “Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos” (Mateus 5:44). Hoje em dia, tanto cristãos como não cristãos têm um

conceito tão deturpado e anti-bíblico de amor que, para esse mandamento ser inteligível, devemos especificar o significado bíblico de amor.

Muitos teólogos e comentaristas concordam que o amor ordenado pela Escritura é uma benevolência volitiva, mas não-emocional, que resulta em palavras edificantes e ações auxiliaadoras para com as pessoas. Contudo, mais do que umas poucas pessoas desejam incluir um elemento emocional ao conceito bíblico de amor.

Por exemplo, quando se referindo à definição acima, D. A. Carson escreve: “Se isso fosse assim, 1 Coríntios 13:3 não desaprovava o ‘amor’ que dá tudo aos pobres e sofre até mesmo o martírio; pois essas são ‘ações concretas’”.¹ Mas esse é um argumento inválido, e envolve uma inferência surpreendentemente amadora desse erudito experiente do Novo Testamento. Paulo está estabelecendo o ponto de que alguém pode exibir ações “amorosas” sem ter realmente amor, e a partir disso, Carson infere que o elemento faltoso deve ser, ou pelo menos deve incluir, a emoção. Por quê? Ele não dá nenhuma justificção real para essa afirmação.

Então, ele menciona 2 Samuel 13:1, 2 Timóteo 4:10 e Mateus 5:46 para presumivelmente apontar que, como a Bíblia usa a palavra, o amor inclui emoção. Contudo, como ele explicitamente reconhece, o primeiro exemplo refere-se a incesto, o segundo a mundanismo, e o terceiro ao próprio tipo de amor restritivo sobre o qual Jesus está falando contra.

Visto que a maioria das palavras em *qualquer idioma* carregam mais do que um possível significado, e o significado real da palavra como usado deve ser discernido a partir de uma observação do contexto, o fato da palavra “amor” algumas vezes incluir um elemento emocional, quando usada na Bíblia, é ele mesmo irrelevante. O que precisamos descobrir é se *o que a Bíblia nos ordena a ter* contém tal elemento emocional. Carson falha em demonstrar que sim, e, ao invés disso, ele comete um dos mesmos erros que ele denuncia em seu livro *Exegetical Fallacies* [Falácias Exegéticas],² onde ele corretamente aponta que a palavra pode significar diferentes coisas, dependendo do contexto, de forma que as origens, as definições de dicionários, e o uso da palavra em contextos não similares não podem ser determinativos. Contudo, essas são as estratégias que ele usa ao tentar mostrar que o amor bíblico inclui emoção.

Quando Carson cita sua concordância de que o amor deve incluir ações, ele inclui várias referências bíblicas, tal como Lucas 6:32-33 e Mateus 5:44. Mas quando ele afirma que o amor deve incluir a emoção, ele não cita nenhuma referência bíblica. A definição bíblica real de amor, isto é, o amor que a Bíblia nos ordena a ter, é definido pela obediência à lei em todos os nossos relacionamentos (Romanos 13:9-10) – e isso inclui os mandamentos que ela faz tanto à mente como ao corpo.

Assim, embora a lei possa *proibir* certas emoções negativas, tal como nos ordenar a dominar nossa ira (Mateus 5:22), o amor que ela ordena não é primariamente uma emoção positiva ou um sentido romântico; ele é primariamente uma volição benevolente resultando numa ação prática. Portanto, o amor bíblico pode ser sincero e benevolente sem necessariamente ser emocional.

¹ Carson, *Matthew*; p. 158.

² D. A. Carson, *Exegetical Fallacies*; Baker Book House, 1996.

Na própria passagem que estamos considerando agora, Jesus parece afirmar esse entendimento de amor quando ele cita o exemplo do Pai para ilustrar seu ponto, dizendo: “Ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). Isto é, o Pai não tem que sentir necessariamente certa emoção para com os injustos, mas o tipo específico de “amor” sobre o qual Jesus está falando é demonstrado pela benevolência prática do Pai tanto para com os maus como para com os bons, tal como prover-lhes sol e chuva.

Aqui está outro exemplo no qual o contexto determina o significado da palavra. Jesus não está falando de um amor que salva, mas aqui ele está se referindo a um amor que não inclui necessariamente algum benefício espiritual de forma alguma; antes, ele é um amor que resulta em benefícios puramente práticos. Portanto, ele está se referindo a uma benevolência geral que Deus mostra para com todas as suas criaturas – tanto maus como bons – e não ao amor específico que resulta em salvação, que ele mostra somente para com os seus escolhidos, ou eleitos. Quando diz respeito a esse segundo tipo de amor – um tipo de amor salvífico – Deus diz: “Amei Jacó, mas odiei Esaú” (Romanos 9:13, NIV).³

É esse tipo de amor prático que devemos mostrar para com os todos os seres humanos, de forma que numa passagem paralela, Jesus diz: “Amem os seus inimigos, *façam o bem* aos que os odeiam, *abençoem* os que os amaldiçoam, *orem* por aqueles que os maltratam” (Lucas 6:27-28). Esse tipo de amor é oferecido aos maus e bons, mas ao dizer isso, estamos também dizendo que esse amor não obscurece as distinções teológicas entre cristãos e não-cristãos, maus e bons, justos e injustos (v. 5). Esse amor não demanda de forma alguma que pensemos que os não-cristãos sejam melhores do que eles realmente são, pois de fato eles são injustos e maus; ele apenas demanda que lhes ofereçamos o mesmo tipo de benevolência prática que oferecemos aos justos e bons. Todavia, parece que ainda devemos preferir deliberadamente os cristãos, especialmente quando devemos escolher entre os dois: “Portanto, enquanto temos oportunidade, *façamos o bem a todos, especialmente* aos da família da fé” (Gálatas 6:10).

Novamente, o que Jesus ensina aqui não é inteiramente novo. É errado pensar que o Antigo Testamento demanda que amemos somente nosso círculo íntimo, e que Jesus está agora expandindo esse mandamento para incluir aqueles de fora. Antes, Jesus está reafirmando o que a lei tinha ensinado desde o começo. O Antigo Testamento nunca limita o amor prático somente ao círculo íntimo de alguém, mas no mesmo capítulo onde ele diz: “Ame cada um o seu próximo como a si mesmo” (Levítico 19:18), ele também diz: “Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês deverá ser tratado como o natural da terra. *Amem-no como a si mesmos*, pois vocês foram estrangeiros no Egito” (v. 33-34).

Em adição, o Antigo Testamento explicitamente ordena o amor, ou a benevolência prática, até mesmo para com o inimigo de alguém: “Se você encontrar perdido o boi ou o jumento que pertence ao seu inimigo, leve-o de volta a ele. Se você vir o jumento de alguém que o odeia caído sob o peso de sua carga, não o abandone, procure ajudá-lo” (Êxodo 23:4-5); “Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber” (Provérbios 25:21).

³ Para mais sobre o que a Escritura ensina sobre amor e ódio, veja meu *Teologia Sistemática*.

Paulo ecoa esse ensino em Romanos 12:20, e escreve: “Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber”. Mas quando diz respeito às coisas espirituais, Paulo não se compromete com o incrédulo em nome do “amor”, mas ele até mesmo o amaldiçoa, dizendo: “Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado” (1 Coríntios 16:22). Ter um claro entendimento do que significa amar nossos inimigos promoverá uma obediência mais precisa, e também evitará que os incrédulos nos manipule, fazendo apelos ilegítimos a esse mandamento bíblico, como eles frequentemente o fazem.